

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

JOEL RUFINO DOS SANTOS: UM INTELLECTUAL ESSENCIAL PARA NOSSOS TEMPOS

Andressa Monteiro de Carvalho
Doutoranda em Humanidades Culturas e Artes¹

Renata de Almeida Oliveira
Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes
(PPGHCA/UNIGRANRIO)²

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo, discutir a vida e a obra de Joel Rufino dos Santos enquanto intelectual do pobre. Nele busca-se analisar as principais teorias de Joel Rufino, bem como seus escritos a partir dos livros, *Épuras do Social* (2004) e *Assim foi (se me parece)* (2008), relacionando-os as suas obras de literatura infantil, *O presente de Ossanha* (2000) e *a Botija de ouro* (1984). Tem-se como propósito, perceber os encontros teóricos dos textos e as articulações que Joel Rufino propôs para tornar os conceitos teóricos acessíveis ao entendimento da criança. Além das narrativas do autor aqui discutido, pretende-se lançar mão de estudos que buscam propor um diálogo com a cultura das margens, dando voz a questões que muitas vezes são subalternizadas e colocadas em um “não-lugar” dentro da sociedade. Assim, essa pesquisa se dará no campo metodológico bibliográfico, analisando os diferentes ângulos de escrita de Joel Rufino.

Palavras-chave: Joel Rufino, Literatura, intelectual do pobre, Margens

¹ DOUTORANDA EM HUMANIDADES CULTURAS E ARTE (UNIGRANRIO)
PROFESSORA DE INFORMÁTICA (PREFEITA MUNICIPAL DE DUQUE DE CAXIAS)
E-mail: profandressamonteiro@gmail.com

² Professora do Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes (PPGHCA/UNIGRANRIO). Historiadora, Pedagoga e Produtora Cultural, Doutora e Mestre em Memória Social e Mestre em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas.
E-mail: renataa.oliveira@unigranrio.edu.br

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

ABSTRACT

This work aims to discuss the life and work of Joel Rufino dos Santos as an intellectual of the poor. It seeks to analyze the main theories of Joel Rufino, as well as his writings from the books *Épuras do Social* (2004) and *Assim foi (se me parece)* (2008), relating them to his works of children's literature, *O presente de Ossanha* (2000) and *A Botija de Ouro* (1984). The purpose is to understand the theoretical connections within the texts and the articulations Joel Rufino proposed to make theoretical concepts accessible to children's understanding. In addition to the narratives of the author discussed here, the intention is to draw upon studies that seek to propose a dialogue with the culture of the margins, giving voice to issues that are often marginalized and placed in a “non-place” within society. Thus, this research will be conducted within a bibliographic methodological framework, analyzing the different angles of Joel Rufino's writing.

Keywords: Joel Rufino, Literature, intellectual of the poor, Margins

INTRODUÇÃO

Este artigo busca relacionar as obras de literatura infantil de Joel Rufino dos Santos, com outras obras de sua autoria pensadas e escritas para adultos. Ressalta-se que as reflexões teóricas presente nos livros destinados ao público mais velho, também estão presentes em sua produção de literatura para o público infantil. Mesmo que de uma maneira diferente, adaptadas para uma linguagem acessível às crianças, permitindo-lhes compreender os conceitos abordados.

Joel Rufino dos Santos nasceu em Cascadura, subúrbio carioca. Em uma família com poucos recursos financeiros, sua aproximação com a leitura deu-se graças a seu pai que era um “operário que lia” e sua avó que lhe contava

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

histórias. A vida de Joel foi marcada por suas teorias de uma maneira que em um dado momento, como diria Paulo Freire “sua fala tornou-se sua prática”

Mesmo tendo poucos recursos financeiros, a família de Joel Rufino sempre incentivou a aquisição de conhecimento e o desenvolvimento do seu aprendizado. Assim, ele tinha acesso a livros e a conhecimentos inimagináveis para um jovem de sua idade e classe social. Uma dessas obras, foi a “Introdução a revolução Brasileira” (1978) de Nelson Werneck Sodré. Após a leitura do livro ele mudou seu modo de pensar e ingressou na faculdade de História. Mais tarde Nelson Werneck seria tão admirado por Joel Rufino dos Santos que seu nome foi dado ao seu filho mais velho como forma de homenagem.

Durante a faculdade Joel fez parte de um grupo de pesquisadores, do ISEB - Instituto Superior de Estudos Brasileiros, e escreveu e elaborou juntamente com eles o livro “Nova História do Brasil” que pensava, esse livro ficou considerado subversivo na ditadura, uma vez que recontava a história de Brasil de uma maneira diferente do discurso ideológico vigente na época. No entanto, o que o grupo de pesquisadores fazia nada mais era do que contar a história do ponto de vista do oprimido.

Joel Rufino dos Santos foi exilado e preso várias vezes, mas na sua última e mais longa passagem pela prisão, no entanto, em que ele permaneceu cerca de três anos no presídio de Hipódromo. Ele começou a escrever cartas para seu filho, Nelson que havia nascido enquanto ele estava exilado. As cartas que foram escritas por ele foram guardadas e mais tarde transformadas em livro: “Quando voltei, tive uma surpresa” (2000). Logo as cartas não abordavam apenas temas corriqueiros, mas abordavam temas pertinentes a formação pedagógica e ética do menino, suas histórias em um contexto de preso político na ditadura militar, a

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

comunicação entre literatura e História, e ainda, o papel da literatura em meio a todas essas questões.

Logo que ganhou sua liberdade Joel Rufino passa um tempo em São Paulo e após muda-se para o Rio de Janeiro, lugar em que retoma sua posição como professor, dando aula na Faculdade de Letras da UFRJ e na pós-graduação da Faculdade de Comunicação- UFRJ. Recebendo da Universidade Federal do Rio de Janeiro títulos como o de Nótório Saber e Alta Qualificação em História” e de “Doutor em Comunicação e cultura”. A partir desse momento, Joel pode se dedicar ainda mais aos seus livros e pesquisas, começando a escrever artigos e participando de palestras.

O LABORATÓRIO DE RUFINO: CARTAS PARA NELSON

Foi justamente através dessas cartas que Rufino fez uma espécie de “laboratório” ou “estágio” na elaboração de sua escrita para crianças. Reunindo 32 cartas datadas no período de 12 de junho de 1973 a 11 de março de 1974. Teresa Garbayo dos Santos, esposa e mãe do filho de Joel Rufino, faz uma descrição da obra no prefácio (SANTOS, 2000, p. 7):

São cartas ternas, de um pai amoroso, cheias de histórias engraçadas, de interesse pelo seu desenvolvimento, e de muita saudade. Guardei-as todas, as que chegaram – previamente lidas, censuradas e carimbadas – porque eram uma parte da história de vida do meu filho e do país em que vivemos.

Garbayo narra ainda que ao saber que o pai estava preso, Nelson, ainda com apenas 8 anos de idade procurou se esconder embaixo da cama, abraçado à

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

uma Gaiola em que estava seu passarinho. “Rosto fechado, lágrimas nos olhos, Nelson procurou refúgio embaixo da cama e lá ficou abraçado à gaiola com seu passarinho. Nos seus oito anos, foi assim que ele expressou sua dor ao saber que o pai estava preso.” (SANTOS, 2000, p. 7)

Nesta dinâmica, que se encontra um ponto de encontro com o livro “O presente de Ossanha” (2009), pois acredita-se que a reação do menino ao saber que não teria a presença do pai, pode mais tarde ter provocado algum tipo de sentimento presente na obra, alguma referência que Joel Rufino faz do tempo em que estava preso, da surpresa que teve, quando voltou de sua viagem de trabalho e foi surpreendido pelo cárcere. O fato é que muitas são as referências da vida presente em suas obras de literatura infanto-juvenil.

São nessas cartas que Joel cria e recria diversos mecânicos de escrita para crianças, buscando cada vez mais se aproximar do filho que estava distante, ele começa a escrever com canetinhas coloridas, a ilustrar as histórias que contava e a aproximar os seus saberes de profissional professor da área de História, as vivências do filho e consecutivamente as das crianças da sua idade.

UM INTELLECTUAL DO POBRE: A PRESENÇA DA FIGURA DE “GABRIEL DA CASA DA FLOR” EM GOSTO DE ÁFRICA E ÉPURAS DO SOCIAL

Como um intelectual dos pobres, Joel Rufino dos Santos escreve obras que caminham na contramão de um modelo hegemônico. No livro *Épuras do social - como podem os intelectuais trabalhar para os pobres?* (2004), Joel reflete papel do intelectual na sociedade, uma vez que este, deve assumir uma condição de trabalhador da cultura, deixando claro que o “estudioso” deve estar a serviço do pobre. Contando uma passagem de sua vida, ele narra que um dia

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

subiu em um morro no Rio e encontrou um velho que lhe disse “Se você estudou tem de saber alguma coisa que sirva para nós” (SANTOS, 2004, p.18) E, marcado pela fala desse personagem, ele passa a compreender seu papel em meio a uma sociedade extremamente desigual.

Dessa forma, a partir de uma reflexão sobre uma experiência sua, Rufino, atenta para a inutilidade dos intelectuais, propondo formas de pesquisa que mudem o enfoque que está em uma cultura dominante e passe a dar voz à cultura do povo, dos oprimidos, dos pobres que sustentam os ricos, trabalhando com as ideias para resolver problemas sociais. Para ele (SANTOS, 2004, p. 10): “Os intelectuais são os que fazem desse trabalho seu ofício, como os escritores, ou profissão, como os profissionais liberais e esta expressão se consagrou por oposição a profissionais manuais, os escravos”

Já o conceito de pobre Joel Rufino defende seu ponto de vista, o analisando-o e colocando-o como uma categoria, segundo Rufino a definição seria: o sujeito que deseja e cujo desejo não organiza a sociedade, pelo contrário, desorganiza a sociedade. Pobre por definição seria uma classe perigosa que, somente pela simples presença, desestrutura o mundo conforme as outras classes estruturaram. Pobres como ele diz são (Santos, 2004, p. 29):

Os despossuídos, não de qualquer posse, mas de território, de casa, de emprego (embora não de trabalho), de local(embora não de lugar), de família (embora não de nome) e enfim do próprio corpo (no caso dos escravos e servos da Colônia e Império) São em suma, um estado nômade e vagabundo (...) Pobre é quem se vira (já que o miserável não tem essa capacidade) e isso demarca um lugar preciso,quantificavel na estrutura social

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

Segundo o autor, no Brasil, se entende melhor o que é pobreza através da literatura e da arte. Certamente porque a literatura fala dos ganhos, assim como do sofrimento, dando um papel de sujeito ao pobre. Para ele a Literatura é a História do pobre, pois é ela que o coloca como ator principal e não como apêndice do outro. (SANTOS, 2004, p.73)

Quem capta esse ser pobre senão a literatura, inventariante do secundário, da fala, do não-dito, da paixão e do sem-razão de existir? As ciências sociais exibem seus arquivos em livros, tratados, seminários e ensaios, mas o fundamental não se encontrará neles, pois arquivaram o fundamental, descartando o secundário que é, no entanto, precisamente o fundamental.

Já a História, enquanto ciência, tanto nos livros quanto nos currículos escolares acaba criando uma narrativa esquematizada, que deixa o fundamental a ser contado fora do discurso. “Na História, os pobres não se encontram como sujeitos, mas como coisas, emblemas, espécie de lixo pedagógico para exaltação da ordem e do progresso nacionais” (SANTOS, 2004, p.35). Na Literatura ocorre exatamente o contrário (SANTOS, 2004, p.35)

A literatura é a única história do pobre – assim como a música popular, o enredo da escola de samba, a arquitetura e a decoração dos mocambos, o artesanato artístico, o futebol-arte, e a literatura oral – porque o institui como sujeito desejante.

No entanto, Joel atenta para o fato de que na literatura culta isso não ocorre, o pobre é apresentado sempre como figurante. “A literatura culta, escrita por não-pobres, apenas memoriza (pela fala, mas também pelo silêncio) as experiências dos pobres.” (SANTOS, 2004, p.35).

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

Ao falar dos intelectuais dos pobres, ele cita personalidades como as de Lima Barreto, Milton Santos, Carolina Maria de Jesus, Cipriano Barata e Paulo da Portela. Intelectuais para Joel Rufino são todas as pessoas, mesmo as iletradas e que trabalham em condições mais adversas, todo aquele que trabalha com as ideias.

Joel Rufino usa o exemplo de Gabriel Joaquim dos Santos, um homem negro e pobre, com acesso limitado à educação, para ilustrar a força e a resiliência diante das adversidades. Mesmo com tão poucos recursos, Gabriel construiu uma casa que se tornaria um símbolo de resistência e criatividade, sendo tombada pelo IPHAN como patrimônio histórico. Conhecida como "A Casa da Flor", sua moradia foi erguida com materiais que outros consideravam inúteis — lâmpadas antigas, pratos e copos quebrados, jarros descartados e diversos outros objetos rejeitados pela sociedade. Essa obra não apenas reflete a habilidade de transformar o que é descartado em algo de valor, mas também é um poderoso testemunho da capacidade de reinvenção e da dignidade humana, mesmo quando as condições são desfavoráveis. A história de Gabriel Joaquim dos Santos, assim, é um exemplo de como, mesmo diante da pobreza e da falta de oportunidades, a criatividade e o espírito de luta podem transformar a realidade e conquistar reconhecimento.

Joel trata desse artista em vários de seus escritos, um deles é o artigo: Do lixo se fez luxo, publicado pela revista leituras compartilhadas em 2002, em que ele conta a história de Gabriel: “Em São Pedro da Aldeia, Estado do Rio de Janeiro, um jovem negro levou quarenta anos para construir uma pequena casa. Ele a chamou de casa da flor.” (SANTOS, 2002, p.1)

Com o pouco estudo que tinha, Gabriel desempenhou as mais diversas habilidades para realizar a construção da casa, foi pedreiro, arquiteto,

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

marceneiro, designer, entre outros, só utilizando o lixo que ganhava ou que encontrava pela rua. “Quando, excepcionalmente, os vizinhos lhe ofereciam um bibelô inteiro, um prato não quebrado, ele aceitava, mas não via utilidade” (SANTOS, 2002, p.1) O porquê da inutilidade dos objetos inteiros, como afirma Joel Rufino só pode ser compreendido em um nível histórico. (SANTOS, 2002, p. 3)

Nesse mesmo panorama, Joel conta a história de Gabriel em um dos contos presentes em Gosto de África - Histórias de Lá e Daqui, literatura pensada por ele para crianças, nele Rufino narra no conto intitulado “A casa da flor” que Gabriel era um menino muito pobre e bastante tímido, o tempo passa e, quando ele cresce, acaba sonhando com uma mulher que o ordena a construção de uma casa, não qualquer casa, mas uma que seja sua moradia e que fosse completamente enfeitada. Tomado pelo sonho ele começa a construir sua obra de arte. Colocando nela todos os tipos de azulejo, pedaços de vidro coloridos para deixá-la bem bonita. No próprio conto sua casa vira obra de arte e começa a ser chamada de casa da flor.

O próprio Gabriel, ao ser entrevistado, definiu sua obra de maneira profunda: "A gente entra nas cidades grandes, tudo lá é moderno, bem organizado, tudo custa muito dinheiro. As pessoas veem a força da riqueza... Mas aqui elas gostam de ver porque é a força da pobreza" (SANTOS, 2002). Com essas palavras, ele evidencia como sua criação reflete não apenas a realidade da escassez, mas também a força e a criatividade que emergem dessa mesma escassez. Sua obra é uma expressão de resistência, mostrando que, mesmo na pobreza, é possível construir algo de grande valor, capaz de emocionar e surpreender aqueles que, muitas vezes, veem a pobreza apenas como algo a ser ignorado ou marginalizado.

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

Contudo, em uma visão mais restrita intelectuais seriam os que fazem desse trabalho seu ofício: “Num sentido mais restrito, porém, intelectuais são os que fazem desse trabalho seu ofício, como os escritores, ou profissão, como os profissionais liberais” (SANTOS, 2004, p.76) E em uma visão mais restrita ainda, ele seria o possuidor de um saber tradicional. Concluindo que:(Santos, 2004, p.247)

Intelectual é qualquer homem, qualquer profissional liberal, qualquer membro do grupo de prestígio especializado no saber “universal” (intelectual propriamente dito) que, através dele, “pensa” os pobres, rejeitando-os ou acolhendo-os; e, enfim, qualquer ideólogo orgânico do seu grupo social. Sugeri a classificação destes últimos, no caso brasileiro em categorias: o pedante, o de classe, o dos pobres, o da ordem do povo.

Para Joel uma saída possível para o intelectual da pós-modernidade ajudar o pobre seria, se ele assumisse uma condição de trabalhador da cultura. Que seriam conceituados por ele como (Santos, 2004, p.215): “os intelectuais que, de preferência no interior do aparelho do Estado ampliado, trabalham para os pobres. Uma de suas tarefas é conduzir a reforma do aparelho do Estado”

Trabalhando com a cultura, o intelectual atenderia melhor as demandas da população, pois elas estão à margem da sociedade. Sendo responsabilidade sua intervir nas expressões culturais, artística, literárias e políticas, de modo que favoreçam o pobre. Realizando então uma forma de resistência para aqueles que são historicamente subalternizados, como o caso das escolas de samba. O intelectual do pobre pode vir da pobreza, mas esse “intelectual trabalhador da cultura” deve trabalhar de forma híbrida transitando entre o erudito e o popular.

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

O PRESENTE DE OSSANHA E A BOTIJA DE OURO, OBRAS PARA CRIANÇAS?

As duas principais obras discutidas aqui são “O presente de Ossanha” (2006) e “A botija de ouro” (1988), de Joel Rufino dos Santos. Essas narrativas se passam na época do Brasil colonial e ambas têm seus personagens principais com características parecidas: os dois não têm nome, um se chamava moleque e a outra de escravinha ou menina, os dois foram comprados e eram tidos como mercadorias.

Durante a história moleque que havia sido comprado para brincar com o filho do senhor do engenho encontra Ossanha, que lhe presenteia com um visgo de sua terra, da sua ancestralidade para que ele pudesse capturar o pássaro Cora, que era mágico. Na mesma dinâmica, a menina escravinha encontra no decorrer da história uma botija mágica e pergunta aos mais velhos qual era o segredo do seu encanto. Os dois poderiam conseguir vantagens caso desejassem através de seus achados, no entanto, muito pelo contrário, os dois sofrem violências por não aceitarem tirar proveito da situação.

Como afirma Luiz Antônio Simas e Luiz Rufino no livro Fogo no Mato: A ciência encantada das macumbas (2018, p.11) “A agenda colonial produz a descredibilidade de inúmeras formas de existência e de saber, como também produz a morte, seja ela física, através do extermínio, ou simbólica, através do desvio existencial” No entanto, assim que a ancestralidade se mantém viva não pode haver “morte” do conhecimento. E esse é mantido graças aos esforços das duas crianças que remontam suas histórias, fortalecendo a ética e a tradição africana. Ainda segundo Simas e Rufino (2018 p.13) “por mais que o colonialismo

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

tenha nos submetido ao dismantelo cognitivo, à desordem das memórias, à quebra das pertenças e ao trauma, hoje somos herdeiros daqueles que se reconstruíram a partir de seus cacos.”

Deste modo, essas narrativas realizam um resgate de traços da cultura africana, quer por meio de mitos, por meio das marcas da oralidade, dos laços simbólicos que estão nas entrelinhas e constroem a identidade entre sociedades de tempos diferentes, Joel Rufino utiliza um vocabulário simples, porém riquíssimo, fazendo uso das características que em grande parte, foram abraçadas pelos brasileiros e até hoje fazem parte das falas cotidianas. São obras que mantêm viva a herança a ancestralidade e, sobretudo a cultura africana não somente no imaginário das crianças, mas de todos que as leem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Joel Rufino dos Santos aborda, em seus escritos, temas profundamente ligados ao humano, à cultura, à arte e a diversos outros conhecimentos essenciais à compreensão da existência. Nesse sentido, a distinção entre obras destinadas a crianças e adultos perde relevância, já que suas produções voltadas ao público infantil também tratam de questões universais, refletidas ao longo de todas as fases da vida. Através de suas obras, Rufino demonstra que as temáticas que explora transcendem faixas etárias, atingindo aspectos comuns e profundos da experiência humana.

Dessa forma suas obras tornam-se indispensáveis, principalmente trazer um caráter educativo diferente das abordagens que estamos acostumados a ter acesso, que tem deixado de lado os saberes relativos à cultura africana e

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

priorizados os saberes dos grupos que historicamente tem silenciado e subalternizado os outros, realizando uma manutenção das relações de poder. Como afirmam Simas e Rufino (2018, p.19)

É importante que problematizemos a educação reconhecendo os equívocos praticados, para então buscarmos uma saída original, potente e incômoda. Estamos convencidos de que nós educadores, temos uma tarefa urgente: precisamos deseducar do cânone limitador para que tenhamos condições de ampliar os horizontes do mundo, nossos e das nossas alunas e alunos.

Para Luiz Rufino e Antonio Simas, é essencial adotar uma postura crítica em relação aos conhecimentos priorizados pela educação brasileira. Eles argumentam que a educação não deve estar isenta de questionamentos e deve ser capaz de incorporar uma pluralidade de práticas e contextos educativos que refletem a diversidade social e cultural do país. Para os autores, é fundamental que o processo educativo se distinga de uma abordagem homogênea e centralizadora, reconhecendo e valorizando as distintas realidades e vivências dos estudantes. Isso implica a necessidade de uma educação que dialogue com as diferentes formas de saber e de aprender, respeitando as múltiplas identidades e experiências que marcam o cenário educacional. Para Rufino e Simas, a crítica à educação deve ser um motor para a transformação, buscando uma abordagem mais inclusiva, justa e reflexiva, que seja capaz de responder às demandas de um mundo em constante mudança (SIMAS; RUFINO, 2018, p. 20).

A educação brasileira versada nas carteiras das escolas e universidades não pode estar isenta de uma crítica que exponha os seus limites. Por mais que reconheçamos que existe uma pluralidade de práticas e contextos educativos, sabemos que o modo dominante se constitui como um projeto que não

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

contempla a diversidade. Ao contrário, produz tudo que está fora de seus limites como incrível e subalterno

Dessa forma, entende-se que Joel Rufino dos Santos é um teórico imprescindível para as pesquisas atuais nos campos da cultura, identidade, etnia e africanidades, especialmente nas associações entre ética e tradições africanas. Sua obra oferece uma reflexão profunda sobre a importância de reconhecer e valorizar as raízes culturais africanas no contexto brasileiro, considerando as múltiplas influências que formam a sociedade contemporânea. Ao abordar as questões relacionadas à herança africana, Rufino contribui para uma compreensão mais ampla e plural da identidade brasileira, ao mesmo tempo em que questiona os estigmas e as distorções históricas que marginalizam as culturas negras. A relevância de suas contribuições se reflete na forma como seus estudos ajudam a iluminar as relações entre passado e presente, além de proporcionarem uma base teórica robusta para os debates sobre a construção da identidade e a superação das desigualdades raciais.

Além disso, suas discussões sobre ética e as tradições africanas são fundamentais para desafiar as visões monoculturais que predominam na sociedade, promovendo um entendimento mais inclusivo e plural de nossas raízes e valores. A pesquisa proposta, ao se basear em suas reflexões, se aprofunda na importância de revisitar e reavaliar as formas como a história e as práticas africanas foram e continuam sendo tratadas, em particular no campo educacional e cultural. Nesse sentido, Rufino oferece uma perspectiva crítica e transformadora, que contribui não só para o campo acadêmico, mas também para a construção de um Brasil mais consciente de sua diversidade e mais comprometido com a justiça social e o respeito à pluralidade de culturas.

Revista Eletrônica do INSTITUTO DE HUMANIDADES

ISSN 1678-3182

REFERÊNCIAS

SANTOS, Joel Rufino dos. *O presente de Ossanha*. 2. ed. São Paulo: Global, 2006b.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Quando voltei, tive uma surpresa: (cartas a Nelson)*. Rio de Janeiro, RJ: Rocco, 2000

SANTOS, Joel Rufino dos. *Gosto de África: história de lá e daqui*. São Paulo: Global, 2005.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Assim foi (se me parece): Livros, polêmicas e alguma memória*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008

SANTOS, Joel Rufino dos. *A botija de ouro*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1988.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social – como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.

SIMAS, Luiz Antonio; RUFINO, Luiz. *Fogo no Mato: A Ciência Encantada das Macumbas*. Rio de Janeiro: Márula, 2018